

O título desta resenha é a frase final da Introdução do autor ao seu livro, antes de nos levar numa jornada sobre as histórias de quadrinhos como objeto do interesse científico e da pesquisa acadêmica.

Waldomiro nos conduz nesse território através de cinco trilhas, iniciando pela “legitimação cultural e científica das histórias em quadrinhos: evolução e panorama no Brasil e no mundo”, processo descrito como “pesadelo que assombrou e assombra anda grande parte dos professores, pesquisadores e estudantes que se aventuram a tratar as histórias em quadrinhos em ambientes acadêmicos e escolares” (p.12). Essa trilha relata como ocorreu “o processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos”, como aconteceu “a renovação dos quadrinhos *mainstream* durante a Era de Prata” e qual foi “o impacto das *Graphic Novels*” nesse contexto, considerando as “novas tendências para a Arte Gráfica Sequencial”.

Na segunda trilha, o autor nos apresenta à “crítica e o estudo de quadrinhos: das abordagens descritivas às pesquisas acadêmicas”, abordando “o estudo e a crítica de quadrinhos nos Estados Unidos e na América Latina” e “a visão europeia sobre as histórias em quadrinhos”. Na terceira, nos aproxima do seu campo de interesse nessa jornada, iniciando com o “panorama da pesquisa sobre histórias em quadrinhos no Brasil”, ao qual se seguem “a contribuição de fãs e entusiastas do meio” e “a entrada dos quadrinhos na universidade”.

Instalada na academia, a quarta trilha nos conduz pela “metodologia para o estudo das histórias em quadrinhos”, dialogando sobre “o que pesquisar sobre histórias em quadrinhos”, qual a perspectiva mais adequada quando se pesquisa histórias em quadrinhos e qual “técnica utilizar para analisar as histórias em quadrinhos”. Ainda nessa trilha, encontramos as “considerações finais” e as “referências”.

Na quinta trilha, que nos leva ao pensamento e forma de expressão própria de Waldomiro, recebemos o bônus por seguir esse mapa até a mina: os “aspectos a considerar na redação de textos acadêmicos sobre histórias em quadrinhos”. São recomendações do autor: 1. incluir, no texto, leitores não familiarizados com histórias em quadrinhos; 2. Sempre se perguntar: “meus dados estão totalmente corretos?”, e 3. evitar privilegiar autores ou períodos; 4. usar imagens no texto, cada uma vale mais do que mil palavras!; 5. ter cuidado com generalizações e 6. notas de rodapé.

Mas se não foi propriamente um pesadelo, o processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos certamente foi bastante penoso, e Waldomiro ressalta que mesmo os autores que escrevem para o público em geral geralmente se justificam quando abordam essa temática. Contudo, trata-se de uma antiga manifestação cultural, que pode ter tido sua gênese “nas pinturas das cavernas do homem pré-histórico e que se desenvolveram durante séculos em diversas formas de manifestações artísticas, como as colunas de Trajano, a tapeçaria de Bayeux, o Livro dos Mortos, etc” (p.13).

<sup>1</sup> VERGUEIRO, Waldomiro. **Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017. p.10.

\* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Conforme o autor, embora dotada de uma linguagem própria, híbrida de escrita e imagem desenhada, a aceitação dos quadrinhos pelas “elites pensantes” foi dificultada principalmente por sua linguagem direcionada às massas. Esse processo histórico é relatado mediante uma narrativa que nos traz tanto o encadeamento dos eventos quanto a discussão entre pesquisadores sobre a pertinência da abordagem dessa temática no campo acadêmico. E vamos que vamos!, nessa trilha da jornada, com um olho no texto e outros nas imagens, e com ambos no passado pessoal de onde emergem Robert Crumb, Henfil e Jaguar — meninos, eu também vi e vivi! Talvez por isso entenda a dificuldade de abordar essa temática pós-moderna com um olhar tardiamente moderno, como Narciso ainda inconsciente do espelho.

Mas Waldomiro nos mostrou como a Arte Gráfica Sequencial, sua denominação para as histórias em quadrinhos, veio a ser referenciada como a 9ª. Arte a partir da década de 1970 (citando LENT, 2010). Depois de mencionar inúmeros títulos de narrativas sequenciais, ele observa “a preocupação com a elaboração de histórias que fujam do comum e tenham a marca do seu autor. [...] E todas elas, sem exceção, propugnam a utilização da arte gráfica sequencial para expressar narrativas complexas e profundas” (p.42). Chegamos à trilha 2.

Aqui, já se fala em estudo e crítica de quadrinhos nos estados Unidos, na América Latina e na Europa. Waldomiro é conhecedor da temática e dono de uma prosa capaz de levar o leitor, de argumento em argumento, por essa história a fora, onde que mitos antigos e modernos se entrelaçam. E por aqui chegamos ao panorama da pesquisa, a terceira trilha da jornada, em território brasileiro.

O marco nesse caminho é a I Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos, realizada em São Paulo (SP), em 1951. “A exposição representou, pode-se dizer, a primeira tentativa de dedicar aos quadrinhos um olhar mais científico, buscando o aporte de teorias de análise da imagem utilizadas no cinema e identificando características da produção brasileira” (p.61). Mas, conforme narra o autor, as histórias em quadrinhos só chegaram ao ambiente universitário brasileiro na década seguinte. Em 1967 foi realizada a primeira pesquisa formal sobre o tema, coordenada pelo professor José Marques de Melo (SP), com a participação de alunos da graduação, que realizou um diagnóstico da produção de revistas brasileiras. A década de 1970 “marcou a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos no campo das Ciências da Comunicação no Brasil” (p.66).

E quem se interessa sobre essa temática na comunidade acadêmica? Waldomiro identificou quatro tipos de pesquisadores: o *entusiasta*, cujo interesse reflete sua predileção pessoal; o *praticante*, autor que também reflete sobre o tema; o *convertido*, que se encantou com a linguagem; e o *visitante*, que se aproximou da área por acaso. Sem embargo dessa tipologia, “como objeto de pesquisa, as histórias em quadrinhos estão sujeitas às mesmas normas, práticas e procedimentos científicos de qualquer outro objeto”, e alguns autores têm proposto abordagens e métodos próprios a serem empregados.

Na última trilha da jornada temos um Manual de Dicas a serem consideradas na redação de textos acadêmicos sobre histórias em quadrinhos. Fiquem atentos, pois esses presentes do Waldomiro se aplicam à redação de todas as histórias por aqueles que gostam de contar histórias. Como ele, que, aliás, conta histórias muito bem!